

O PROTESTO ATRAVÉS DO USO DE SALTO ALTO: “... ESTUPRO NÃO É SOBRE SEXO, É SOBRE PODER, CONTROLE E VIOLÊNCIA”

THE PROTEST THROUGH THE USE OF HIGH HEELS: “... RAPE IS NOT ABOUT SEX, IT'S ABOUT POWER, CONTROL AND VIOLENCE”

Clóris Maria Freire Dorow¹
Doutora em Letras
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense
(clorismf.dorow@gmail.com)

Jeferson da Silva Schneider²
Mestre em Letras
Universidade Católica de Pelotas
(jeferson.brasileiro@gmail.com)

RESUMO: O site UOL Notícias apresentou o ato da “Caminhada dos homens de salto alto” com a seguinte materialidade discursiva: “E a mesma violência que atinge as mulheres também tem homens como alvos, porque estupro não é sobre sexo, é sobre poder, controle e violência”. A partir da materialidade discursiva, buscamos refletir sobre as relações de força e de sentido estabelecidas. O procedimento metodológico desenvolvido constitui-se na análise interpretativa dos sentidos atribuídos ao “texto” proferido pelo sujeito-autor. Com base nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, temos como preceitos basilares: o discurso na sua materialidade discursiva produzindo sentidos (PÊCHEUX, 2009); o sujeito-autor, atravessado pela ideologia e produtor de sentidos; e a formação discursiva que representa o lugar de construção do sentido e de identificação do sujeito. Com este trabalho, esperamos evidenciar os diferentes efeitos de sentido que se entrecruzam e que revelam as relações de poder presentes na esfera social.

Palavras-chave: Discurso. Formação discursiva. Relações de força. Efeitos de sentido.

ABSTRACT: UOL News website presented the “Walk a Mile in Her Shoes” act with the following discursive materiality: “And the same violence that strikes women also has men as targets, because rape is not about sex, it’s about power, control, and violence”. From the discursive materiality, we seek to reflect on the relations of force and meaning established. The methodological procedure developed is the interpretative analysis of the meanings attributed to the “text”. Based on the assumptions of the Discourse Analysis of French line, we have as basic precepts: discourse in its discursive materiality producing meanings (PÊCHEUX, 2009); the subject-author, crossed by the ideology and producer of meanings; and the discursive formation that represents the place of construction of the meaning and identification of the subject. With this paper, we hope to highlight the different effects of meaning that intersect and reveal the power relations present in the social sphere.

Keywords: Discourse. Discursive formation. Force relationships. Effects of meaning.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6238-798X>.

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8459-4234>.

Considerações iniciais⁹

Interpretar fatos a partir das relações estruturadas pela formação ideológica de forma unilateral é desconsiderar que o sentido sempre pode ser outro, influenciado pelo inconsciente e pela ideologia. Julgamos necessário, para interpretar o *corpus* selecionado, apreciar a posição teórica da Análise de Discurso que considera a opacidade do discurso. Partindo dessa premissa, assim como da análise da formação discursiva, determinada pela ideologia e influenciada pelo inconsciente, somos capazes de, após a escolha de um determinado *corpus*, observar o discurso sob a ótica de analista de discurso, cujas conclusões constituem uma das faces da interpretação, pois diferentes analistas geram diversificadas análises.

Apresentamos, à luz da Análise de Discurso (AD) de formulação pecheutiana, um fragmento extraído de um blog, acerca da motivação que deu origem a um ato contra a violência sexual feminina, levando homens a usarem salto alto. Este fato emergiu de um episódio ocorrido no Canadá, em abril de 2011, em que um policial considerou, explicitamente, as mulheres como potencialmente culpadas de induzirem a atos de estupro, perpetrados por homens contra elas próprias, devido ao uso inadequado de vestimentas. O discurso do policial motivou o movimento “Marcha das Vadias” (*Slutwalk*) e a caminhada dos homens de salto alto que ocorreu em vários países. Como foco para esta escrita, temos apenas a materialidade discursiva de um fragmento presente no site UOL Notícias que apresentou o ato da “Caminhada dos homens de salto alto”.

Nesse trabalho, buscamos analisar a materialidade linguística do fragmento “E a mesma violência que atinge as mulheres também tem homens como alvos, porque estupro não é sobre sexo, é sobre poder, controle e violência”, e encontrar um outro sentido, no que diz respeito à questão do uso das palavras “sexo”, “poder”, “controle” e “violência”, junto à negação (não é sobre) que se une a palavra “sexo”, diferentemente das demais que se mostram afirmativas. Parece-nos, também, que há uma associação do homem como suposta vítima da famigerada violência sexual, enquanto a mulher, além de vítima física, comuta da mesma dor que a do homem.

Para essa análise, procuramos imbricar as relações de condições de produção e de memória discursiva, trazidas pela AD, a fim de demonstrarmos as relações de forças que constituem o discurso analisado. Com isso, temos o objetivo principal de refletir sobre as relações de sentido estabelecidas pela materialidade

discursiva, inscrita numa formação discursiva a ser desvendada. Também, temos como objetivos específicos: analisar a materialidade linguística no campo discursivo do site UOL Notícias; verificar os efeitos de sentidos trazidos pelos enunciados ora expressos na materialidade discursiva; e oferecer bases para continuidade de outros possíveis trabalhos.

Análise de Discurso

A Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana, estruturada por Michel Pêcheux, compõe-se de três campos do conhecimento: o materialismo histórico; a Linguística e a Psicanálise. Dessa maneira, surge uma disciplina de entremeio, a AD, que tem como objeto de estudo o discurso e como objetivo, explicar como o discurso, na sua materialidade discursiva, produz sentido. Para a AD, o texto é a materialidade linguística pela qual se tem acesso ao discurso, que não é fechado em si mesmo e se relaciona com outros discursos, com o contexto social, econômico, político e histórico em que é produzido e, por isso, incompleto (ORLANDI, 2012a).

Cabe salientar que, para AD, o discurso não tem origem em nós, visto que ele já está em processo e “nós é que entramos nesse processo” (ORLANDI, 2012a, p. 15). Podemos refletir acerca do sentido, pois os sentidos se produzem a partir das relações entre os lugares de enunciação, sendo focados nas percepções dos sujeitos inseridos em uma prática discursiva. A autora expõe que, “na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2012a, p. 15).

Dentro desse mesmo prisma, a autora aborda que a “questão do sentido se torna a questão da própria materialidade do texto, de seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação” (ORLANDI, 2012b, p. 22). Não obstante, a imagem é, também, uma linguagem que se materializa a partir do simbólico e está presente em nossa sociedade, produzindo o dizer e os sentidos. Os sentidos do texto imagético, por sua vez, afetam e determinam as relações sociais que se sustentam pelas práticas discursivas, motivando o imaginário. A materialidade imagética será não apenas um constructo da realidade, mas, sim, uma compreensão do não visível, daquilo que escapa das percepções visuais e reclama a interpretação do não visível, mas que está ali e significa baseado em sua discursividade.

Na perspectiva discursiva, o que nos interessa é o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e a das coisas: a sua materialidade. Precisamos olhar o texto como um discurso e não apenas como um dado, observando como ele funciona simbolicamente. É na compreensão do que é discurso que podemos entender a relação com o interdiscurso e a relação com os sentidos. Dessa forma, precisamos buscar os sentidos que se ocultam nas práticas discursivas.

Indagarmo-nos acerca dessas relações é irmos, sem sombra de dúvidas, ao encontro da AD, a fim de darmos a essa escrita um direcionamento pautado em uma teoria que abarca as relações entre a materialidade linguística, a ideologia e o inconsciente. Dessa forma, é indispensável nos valermos dos princípios de memória do dizer que melhor sustentará nossa reflexão a partir desse momento.

Para a AD, o sujeito é interpelado, tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz um sujeito que acredita ser a fonte e origem do seu discurso. No entanto, essa liberdade e individualidade é ilusória, visto que ele é social e interpelado pela ideologia, sendo o dizer do sujeito determinado por outros dizeres, por estar relacionado ao interdiscurso, ou seja, pela memória do dizer.

De acordo com a AD, o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, por estar inserido num tempo e lugar socialmente situados, formando seu posicionamento discursivo em relação aos discursos do outro. Nessa relação, entre o linguístico, o social e o histórico é que a materialidade discursiva passa a ser um fator relevante para a interpretação e a constituição dos sentidos, visto que o sujeito e o sentido se constituem mutuamente.

Para Orlandi (2012a), o sujeito precisa se submeter à língua e à história para se constituir e produzir sentidos. E é no funcionamento da linguagem, que “o sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição” (ORLANDI, 2012a, p. 22) e assim, o sujeito interpreta, na maneira como se significa e faz significar pela sua relação com a língua e a história.

Além disso, todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na memória discursiva, legitimados na sociedade e recuperados pela historicidade. Nessa composição discursiva, a ideologia é constitutiva do dizer e a historicidade constitutiva do discurso. De tal modo, que o sujeito, ao fazer seu discurso, usa a historicidade que é o processo de recuperação dos discursos, ou seja, a historicidade significa no interdiscurso, constituído de todo dizer já-dito, e aparece no

intradiscurso. E a produção dos sentidos ocorre porque eles já estão lá, por já terem significado em algum momento.

O discurso, portanto, é o lugar em que ocorre a relação entre a língua e a ideologia, um lugar social. Determinado por sua exterioridade, todo o discurso necessariamente remete a outro discurso. Essa reunião de discursos advém do interdiscurso (o já-dito) mostrando que os sentidos sempre se reportam a outros discursos. Será a ideologia que produzirá o efeito de unidade, evidência e naturalização dos sentidos (ORLANDI, 1996). Podemos considerar, nessa perspectiva, que os sentidos não existem em si mesmos, mas são determinados pelas posições ideológicas do processo social e histórico no qual as palavras são produzidas (ORLANDI, 2012a).

Como sustentáculo para essas relações, convém citar Pêcheux quando define que “as palavras, expressões, proposições etc. adquirem sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 2009, p. 146-147), ou seja, fazer parte de uma posição implica estar identificado com um conjunto de saberes e não com outros, segundo os domínios de diferentes formações discursivas (FDs), as quais definem o que pode/deve/convém ou não ser dito a partir de um determinado lugar. Para tanto, uma FD se caracteriza pela sua formação de sentidos que se apresentam a partir dos sentidos presentes no discurso, permeado pelas formações ideológicas, como definida por Orlandi

As formações discursivas, por sua vez, representam, no discurso, as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (ORLANDI, 2012a, p. 43).

A condição para configurarmos uma FD é, a partir de Foucault, o fato de os enunciados estarem filiados a redes nas quais se repetem sob condições estritas. O autor aponta, também, para o fato de o enunciado ser, ao mesmo tempo, “objeto entre os que os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem” (FOUCAULT, 2008, p. 118).

Nessa perspectiva, devemos atribuir ao sujeito uma posição que se constitui a partir de sua ideologia que o faz ter “uma posição de sujeito como uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciativo e o

sujeito do saber de uma determinada FD” (COURTINE, 2009, p. 88). Assim, através desse posicionamento esse sujeito, ao dizer, inscreve-se dentro de uma FD.

Salientamos que a FD não é homogênea, mas, sim, um espaço de natureza heterogênea. Ela reflete a ideologia que se relaciona com a linguagem e é sempre constituída por mais de uma FD, mesmo que, às vezes uma se torne preponderante. Entretanto, para que seja efetivada a FD, dentro de um discurso, é importante que seja ideologicamente constituída para que haja uma efetiva formação do sujeito discursivo.

Assim, o sujeito-leitor, interpelado ideologicamente, ocupará uma posição-sujeito em relação à posição ocupada pelo sujeito-autor, e poderá com ela identificar-se ou não. Este poderá se identificar com a posição discursiva do sujeito-autor ou dela discordar, em ambas possibilidades “o leitor instaura o seu próprio trabalho discursivo, a prática discursiva da leitura” (INDURSKY, 2001, p. 35).

O que está em jogo para a Análise do Discurso é o modo como o texto organiza sua relação com a discursividade, vale dizer, com a exterioridade e o modo como organiza internamente estes elementos provenientes da exterioridade para que produzam o efeito de um texto homogêneo (INDURSKY, 2001, p. 28).

Esse efeito homogêneo é denominado **efeito de textualidade**, que é fundamental para a impressão de que os recortes feitos no discurso pareçam ter sido ali produzidos e possuam um efeito de homogeneidade. A homogeneidade (efeito-texto) é uma ilusão discursiva resultante do trabalho de textualização, ou seja, a reunião e organização de recortes dispersos e heterogêneos advindos do exterior é uma ilusão necessária para que os efeitos de sentido dos discursos se produzam (INDURSKY, 2001).

Desse modo, o mundo pode ser apreendido através do discurso, que se constitui pela linguagem. A ideologia é, pois, condição de entremeio do mundo com a linguagem. O mundo e a linguagem, por sua vez, são de naturezas diferentes e apenas há a possibilidade mesma dessa relação através da ideologia (ORLANDI, 1994).

Quanto ao social, não serão os traços sociológicos empíricos — classe social, idade, gênero, profissão – mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um homem usando salto alto, no caso da análise em questão. Há, em toda linguagem,

mecanismos de projeção que permitem pensar em diferentes posições de sujeitos (ORLANDI, 1994).

Por isso, o ponto nodal entre FD e memória discursiva é onde há o entrecruzamento do discurso. Assim, a memória discursiva auxilia na interpretação do simbólico, que possibilita ao leitor o acesso ao interdiscurso. Desta feita, o leitor pode construir uma rede de significados quando, diante de um discurso, cujos sentidos são sócio historicamente produzidos, ideologicamente constituídos e ideologicamente interpretados. Para a AD, o discurso torna-se o caminho a ser percorrido para contemplar a articulação entre o dito e os processos ideológicos de sua construção.

O discurso, por sua vez, pode ser entendido como a soma de vários discursos, já ditos, transformados pela historicidade que permitem ao analista interpretá-lo e interpretar outros discursos, os já-lá (PÊCHEUX, 2009), que estão acessíveis na memória discursiva. A tensão, o confronto e a movimentação dos sentidos não deixam de se inscrever e circular, provocando deslocamentos, manifestações de desordem – no lugar que se buscava uma estabilidade –, e fazem emergir brechas de uma ou outra voz no processo discursivo.

Corpo e relações de poder

A questão do corpo é algo relevante a ser estudado nesse trabalho, pois esse é um campo de luta que envolve diferentes saberes, práticas históricas e sociais. No entanto, as relações com o corpo perpassam esses espaços de luta, resultando em posicionamentos que são influenciados pelas relações de poder. As diferenças que cada grupo social tem, ao se relacionar com o corpo, que é um discurso, exprimem, não só as questões econômicas, sócio-históricas, mas, principalmente, as regras e valores que regem cada classe social. Nesse sentido, Foucault aborda que o “corpo é investido pelas relações de poder” (FOUCAULT, 2004, p. 23). Ainda, ele comenta que

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; e, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação (FOUCAULT, 2004, p. 24).

Esclarecemos que o corpo foi, em uma época clássica e talvez, ainda seja percebido como objeto e alvo de poder. Nessa questão, alguns detalhes chamam atenção para o corpo que é manipulado, modelado, treinado, que obedece, responde e se torna hábil, de forma que as forças se multiplicam. Dessa forma, o corpo torna-se alvo dos novos mecanismos do poder, mas também oferece formas de saber. Ao se debruçar sobre a história da sexualidade, Foucault aborda as possibilidades existentes na constituição do corpo como instrumento de saber e poder, construído por meio de práticas discursivas imersas em práticas histórico-sociais.

O corpo não deve estar circunscrito pelas relações dogmáticas ou hierárquicas, em que o vestuário é a única linguagem que propicia uma investidura de significados, pois, segundo Nicole Pellegrin:

[...] não vivemos mais num mundo subordinado a Deus e a um rei, também este de essência divina e “cabeça” de hierarquias sociais estrita e explicitamente regidas por nascimento, estatuto e pertença de sexo. [...] Uma visibilidade-legibilidade dos corpos e de seus comportamentos, propicia a uma codificação extrema do vestuário e a uma percepção rápida de sua linguagem (PELLEGRIN, 2010, p. 206).

O vestuário, por sua vez, deve ser reiterado como uma forma de identificação de pertencimento de um grupo, como um ser padronizado dentro do grupo. Isto é, a “identificação do corpo com seu traje explica que este serve, antes de tudo para declarar uma pertença, mesmo que seja sempre múltiplo e fluente” (PELLEGRIN, 2010, p. 209). Dessa forma, podemos dizer que o indivíduo, pela sua vestimenta, é alinhado dentro de padrões definidos pelo sexo, idade, meio social que formulam marcas distintivas, permitindo uma leitura de seu corpo.

Ao nos referirmos ao vestuário, não há como não trazer suas características impregnadas de sentidos, pois o vestuário relaciona-se a um postulado de significações presentes no próprio corpo. Conforme Pellegrin,

[...] as vestes antigas, quando subsistem, conservam uma estranha presença, mesmo na ausência do corpo que as usou. A emoção suscitada por sua descoberta fortuita (os tecidos quase não sobrevivem ao uso, aos parasitas e às práticas de recuperação-reciclagem) explica-se por seu excepcional poder de comunicação. Metáfora do eu e relíquia por excelência, toda veste é uma parte que revela o todo. Impregnado de secreções humanas com as quais esteve em contato, o vestuário faz e é [o] corpo (PELLEGRIN, 2010, p. 215).

Entretanto, o vestuário, como pertencente ao corpo, torna-se o causador de brechas sociais, as quais repercutem nas relações de força e de poder. Assim, atos violentos trazem consigo forte carga, derivados das relações trazidas pelo corpo que se relacionam emocionalmente com todos os seus atores: quem comete, sofre ou presencia as relações de força e poder que acabam em violência. Desta feita, a violência é presenciada como um fenômeno que se acentua no mundo contemporâneo e viola o mais fundamental dos direitos humanos: o direito à vida.

É pertinente caracterizarmos a violência sexual, que traz em seu arcabouço histórico relações de pertencimento a uma formação ideológica de poder, em que as vítimas são categorizadas pelo sexo e responsável pela violência. Na França, somente em 1971, foi incluído no Código Penal o crime contra a pessoa. Quanto ao Antigo Regime, cita Matthews-Grieco:

A responsabilidade da prova recaía no entanto sobre a mulher e sobre as eventuais testemunhas em seu favor; era preciso vencer a dúvida, solidamente estabelecida, que mantinha como fato “científico” que nenhuma mulher adulta podia ser estuprada contra sua vontade e que a gravidez só podia ocorrer se a mulher tivesse prazer no ato sexual, durante todo esse período, e até uma data mais recente, reinava a convicção de que o estupro desonrava muito mais a vítima do que o estuprador (MATTHEWS-GRIECO, 2010, p. 259).

Logo, a violência sexual que nos cabe salientar é o estupro, que é fundamentado a partir da relação de força em que se percebe a hierarquização dos gêneros. Segundo a autora,

[...] o estupro era o produto de uma cultura na qual as mulheres eram consideradas não apenas inferiores aos homens, mas também, simplesmente, como seres que estão neste mundo só para satisfazer as necessidades do sexo forte, sobretudo se elas são de uma situação social modesta. [...] Essa regra explica também a frequência das decisões tomadas fora dos processos legais para fazer intervir compensações monetárias, quando as categorias sociais eram diferentes, ou provocar casamentos forçados, quando eram iguais. Além disso, o estupro era difícil de provar (MATTHEWS-GRIECO, 2010, p. 258).

As relações de sexualidade, bem como as de corpo são indissociáveis das relações culturais, as quais determinam a maneira como os indivíduos devem interagir. Dessa mesma maneira, o corpo e a sexualidade não podem ser dissociados da forma com que a sociedade avalia suas ações enquanto grupo. Essas relações ainda estão presentes em nossas relações sociais, mesmo sendo originárias de séculos anteriores

ao nosso, pois ainda temos que presenciar as relações de aprovação, reprovação que possuem o objetivo de disciplinar os sujeitos sociais. Não permitindo, com isso, qualquer relação de digressão da ordem, o que é bem evidenciado ainda por Matthews-Grieco:

Aqueles que transgredissem a hierarquia do gênero, as funções atribuídas aos dois sexos ou as normas que regulam as práticas sexuais eram estigmatizados e punidos por grupos de homens, de rapazes e de crianças (meninos) que aprendiam, ao fazê-lo, a imitar os mais velhos (MATTHEWS-GRIECO, 2010, p. 225).

Com isso, o discurso é uma prática social repleta de significados e que só tomam forma e se constroem em relação a um contexto sociocultural e histórico, que envolve relações de poder e a ideologia. As FDs caracterizam (pelas determinações ideológicas, pelos saberes e valores aceitos institucionalmente e socialmente adquiridos) o comportamento e as atitudes dessas pessoas no seu cotidiano.

Análises

Com esse direcionamento teórico, cabe salientar que para, esta escrita, consideraremos a materialidade linguística e imagética, assim como o ato da caminhada dos homens de salto alto, não com a finalidade de desfazer seus propósitos, mas trazer-lhes sentidos outros. Para, com isso, reproduzir o fato do episódio da caminhada dos homens de salto alto como um discurso que produz sentidos. Fazer uma análise de sentidos do discurso, enquanto estivermos analisando todo o derredor que absorve o ato em questão, sem deixarmos de apreciar as sensações que ele nos provoca, é propor uma análise de uma brecha, de um desliz, que nos leva para dentro de espaços não visíveis *a priori*, a fim de considerarmos um funcionamento que vai além, buscando no discurso os entrelaçamentos entre ideologia e inconsciente.

Na análise, levaremos em conta o uso do salto alto por homens, com o objetivo de solidarizar-se com as mulheres vítimas de violência sexual, relacionando-o às condições de produção da materialidade discursiva, à FD, à ideologia e ao inconsciente. Cabe dizer que, ao investigarmos possibilidades de sentido, partiremos da ideia de memória discursiva que é pré-existente e se materializa a partir das construções presentes no intradiscurso e a FD, pois, esta “permite compreender o

processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidade no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2012a, p. 43). Assim, nossa proposta de análise depreende o sapato de salto alto como um discurso imagético (Figura 1) que nos desvela inúmeros sentidos, dentre eles, o de ser um objeto simbólico contra o preconceito trazido por uma determinada situação de violência dupla contra as mulheres, a do estupro e a de considerá-la culpada do mesmo.

Figura 1: Homens posam de salto alto durante manifestação em Virgínia (EUA)



Ao nos depararmos com a materialidade discursiva (Figura 1), notamos a falta de palavras que não implica na falta de sentido, uma vez que, para analisarmos esse texto imagético recorreremos a “memória” de dizeres já ditos e que se referem a uma conjuntura social pré-definida, que, nesse caso, circundam a caminhada dos homens de salto alto. Essa imagem emerge a partir de saberes que se estruturam dentro de uma relação linear, que se constitui por meio da memória, ao passo que se fixa aos fatos dentro de um curso de sentido.

Abordando a imagem, especificamente, observamos que ela constitui um elo entre a memória discursiva e os sentidos percebidos no discurso imagético. Podemos dizer que é no espaço discursivo da memória que os discursos do sujeito se constituem. Partindo dessa premissa, a imagem representada na Figura 1, em uma primeira leitura, aparenta exigir a linguagem verbal, mas, como analista de discurso,

reconhecemos que o texto imagético produz sentidos a partir da união com o contexto sócio-histórico a que está vinculado.

Ao nos direcionarmos apenas a essa materialidade imagética, a memória nos traz uma relação de estranhamento, pois não se constitui como corriqueiro ver um representante da lei (guarda) calçando saltos altos. Ainda, o sujeito, ao se deparar com essa materialidade, poderá indagar-se do porquê desta constituição, uma vez que, o aspecto masculino se faz presente e é quebrado apenas pela presença dos calçados femininos, vestuário que vai de encontro ao calçado usado habitualmente pelo sexo oposto.

Outro aspecto que se pode inferir, é a descontração dos homens ao serem fotografados. Nesse aspecto, há uma ruptura no que diz respeito ao desconforto no uso de tal calçado pelo público masculino, pois, habitualmente é visto como algo de caráter desconfortável e, por vezes, doloroso, mas se usado pelas mulheres há todo um aspecto sensual que o envolve. Todavia, ao vermos homens calçando tal peça de vestuário, nos remetemos aos gêneros, entretanto, os homens presentes na imagem fazem menção ao gênero feminino e não a outro, demonstrando o caráter de solidariedade com as mulheres.

A solidariedade às mulheres também está presente pela forma como os homens posicionam-se na foto. Ao colocarem seus pés sobre uma superfície mais alta que o plano do outro pé que os sustenta no chão, percebemos uma pose mais sensual, que poderia ser relacionado à sensualidade feminina. Essa sensualidade, representada pelos homens em questão, pode ser encarada como uma forma de se solidarizar à questão do estupro, pois ao se colocarem nesta posição podemos nos referir ao contexto histórico que motivou o movimento da caminhada dos homens de salto alto. Isto porque, no momento em que a mulher é culpada pelo estupro devido às suas vestimentas, o homem, ao colocar essa peça do vestuário feminino, igualando-se às mulheres, também poderia ser vítima de estupro e assim, ser culpado do mesmo, devido a sua indumentária.

A caracterização trazida pela caminhada de homens de salto alto detém o aspecto de poder e força desempenhada pelo corpo masculino, que explicita inúmeros sentidos, dentre eles, o de mostrar que o uso do salto alto, um objeto de tortura para os homens, não acostumados a usá-los, não os torna menos masculinos. Outra interpretação poderia ser: ao usar o salto o homem pode provocar outros homens?

Outra interpretação seria a de que a mulher, por usar essa peça de vestuário, denota uma grande coragem, pois é uma peça de vestuário incômoda, que pode provocar dores, já os homens, ao usá-los, evidenciam a força da mulher em utilizar essa peça, vista como desconfortável e não prática como os sapatos de salto baixo, peça de vestuário usualmente utilizada pelos homens. Assim, esses sentidos podem ser percebidos no que diz respeito ao uso do salto alto por homens, já que essa peça do vestuário é comumente usada por mulheres, dentro de uma esfera conceitual estipulada culturalmente.

Com essa proposta, ao tentarmos imbricar o uso do salto alto ao ato da caminhada, sugerimos uma força que demonstra arranjo de poderes em que, ora está na vítima homem e ora está na vítima mulher. Enquanto vítima, o homem expõe um caráter de fragilidade perante uma violência que é cometida por ele e, como forma de sublimar essa diferença, parece, através do uso do salto alto, transfigurar-se e toma a posição da mulher ao partir de um ponto de vista que o leva, supostamente, a acreditar e a fazer parte de um universo puramente feminino, o que nos leva a um contrassenso.

Esse contrassenso é, para nós, a forma de igualdade que nos faz refletir sobre uma neutralização de forças que é analisada a partir da forma que se faz a caminhada contra essa violência, pois o homem ao calçar salto alto, torna-se forte a partir de uma fragilidade do uso do salto alto, o que deixa subentendido o aspecto de poder. Não obstante, percebemos que tal presunção de igualdade provoca um paradoxo que nos permite ter uma percepção de brecha de sentidos, a partir do prisma da violência sexual, em que o homem talvez nunca possa igualar-se à fragilidade, pois “o estupro não é sobre sexo, é sobre poder, controle e violência”.

O uso das palavras “poder, controle e violência” atribui sentidos que nos remetem ao ato sexual sem consentimento da mulher, mas desejado pelo homem, visto que o “poder” é pertencente ao homem, culturalmente, como dádiva que admite violar graças à condição física que o permite “controlar” a vítima e, por último, a “violência” que seria o resumo de todo o processo sexual envolvido em um estupro. Assim, ao abstrairmos esses argumentos exemplificamos essa brecha para a reflexão acerca da questão de poder, que não iguala forças e, sim, demonstra a disparidade das forças, deixando evidente a impossibilidade de igualdade entre os gêneros nesse humilhante ato, onde a força predomina sobre a repulsa da vítima.

Para chegarmos a essa relação de tentativa de igualdade não ficamos presos às percepções do ato da caminhada. Observemos, agora, a partir do fragmento em análise, o emprego dos termos linguísticos, uma vez que retomar as palavras “sexo”, “poder”, “controle” e “violência” dentro desse contexto, é observá-los como algo não desejado, abstraindo os seus sentidos outros. Levar esses termos a um âmbito de suas propostas lexicais é dar a elas forças que talvez não abarquem suas funções imediatas dentro da contextualização, embora tenham sido extraídas de um espaço virtual como um blog. Desejamos, sim, trazer a esse contexto algo mais, uma outra interpretação, a interpretação de um analista de discurso, pronto a angariar sentidos no estranhamento da situação observada na imagem, aliada às suas condições de produção e à historicidade.

Tentar explorar essa brecha e procurar sentidos é supor que, nesse discurso, bem como o ato da caminhada, há sensações e interpretações que são presenciadas diferentemente por cada indivíduo ao se deparar com a imagem que estamos analisando, pois o sujeito leitor também tem sua FD diferenciada por outras formações ideológicas. Com isso, a tentativa de buscar sentidos nesse trabalho nos motivou a procurar brechas que significam e, que estão presentes e fazem emergir sentidos pela observação das relações discursivas, que acabou proporcionando reflexões no âmbito da AD pecheutiana.

Com tais conclusões, retomamos as questões que nos deram substrato para este artigo, motivados pela busca de sentidos no discurso. Discurso que envolveu uma materialidade linguística e um ato social que nos provocaram e nos levaram a crer que nessas relações há uma ligação de poder e vitimização.

Inquirir o que levou ao fato de homens calçarem salto alto e promoverem uma caminhada a fim de se solidarizarem com a causa do estupro não foi nosso mote, mas propiciou uma interpretação que nos proporcionou encontrar uma brecha que nos sustentou e nos fez refletir sobre as relações de poder e forças dentro de um discurso, onde a imagem é palavra, e, muito mais que isso, é discurso.

Ao entrarmos no campo da AD, temos como foco nossa materialidade discursiva (o depoimento registrado no blog em questão), que se entrelaça ao ato da caminhada dos homens de salto alto, sendo essa nossa forma sujeito do discurso. Assim, presenciemos um entrecruzamento entre o sujeito-autor e sujeito-leitor, constituindo uma relação de sentidos que são produzidos os quais, por sua vez,

relacionam-se diretamente à memória discursiva que formula um determinado discurso que é lido pelo sujeito interlocutor.

Ao refletirmos sobre tais referenciais teóricos podemos evidenciar a presença de uma FD voltada às relações machistas trazidas pela materialidade discursiva ora analisada, ou seja, a posição do sujeito-autor pode ser relacionada a um sentido de igualdade entre homens e mulheres no que diz respeito à violência sexual. A partir da ideia de vítimas, nos motivamos a pensar em uma suposta correlação baseada nos significados trazidos pelas materialidades discursivas já citadas e imbricá-las à simbologia do uso do salto alto por homens. Dessa forma, trataremos das questões de vitimização, com o objetivo de relativizar essas materialidades discursivas a partir dos diferentes sentidos presentes nos discursos analisados.

Para uma melhor compreensão dessa reflexão é notório que presenciemos a sentença extraída do site UOL Notícias em que se lê um depoimento de um homem a respeito de sua visão para com a violência sexual cometida às mulheres: “E a mesma violência que atinge as mulheres também tem homens como alvos, porque estupro não é sobre sexo, é sobre poder, controle e violência”.

Com essa materialidade linguística, percebemos uma lacuna no que diz respeito à questão do uso das palavras “sexo”, “poder”, “controle” e “violência”, junto à negação (não é sobre) apresentada antes da palavra “sexo”, diferentemente das demais que se mostram afirmativas. Parece-nos, também, que há uma associação do homem como suposta vítima da famigerada violência sexual, enquanto a mulher, além de vítima física, comuta da mesma dor que a do homem.

Por isso, vislumbrar uma forma de revelar os sentidos nos leva a acreditar na presença de relações de poder latentes no discurso. Além disso, a formação ideológica se faz presente na FD trazida pelo depoimento do sujeito e pela observação da imagem: masculino e feminino tentam se igualar, mas, mesmo assim, permanecem as diferenças culturais entre os gêneros.

Com isso, dependendo das diferentes posições representadas pelos sujeitos que leem, ora pode haver união, ora separação entre ambos. A seguir, analisaremos o enunciado “E a mesma violência que atinge as mulheres também tem homens como alvos, porque estupro não é sobre sexo, é sobre poder, controle e violência”, considerando as possíveis relações de aliança ou de divergência, e cujos agrupamentos são posteriormente descritos:

E1 - E a mesma violência que atinge as mulheres também tem homens como alvos.

E2 - E a violência que atinge as mulheres também tem homens como alvos.

O enunciado E1 nos remete à FD com predominância machista, que nos permite perceber sua filiação através do uso das palavras “mesma, também e como” igualando a mulher e o homem como possíveis vítimas. No entanto, a violência a que se remete esse trecho tem foco no estupro e não qualquer tipo de violência. Ao procurarmos o significado do substantivo “violência” no dicionário Priberam, encontramos: “estado daquilo que é violento; ato violento; ato de violentar; veemência; irascibilidade; abuso da força; tirania; opressão; constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer; coação”, evidenciando que não há uma distinção de gêneros para com o significado atribuído à palavra. No entanto, notamos que a questão da força física é demonstrada, o que corriqueiramente está atrelado ao homem.

Também em E1 há uma brecha, no que diz respeito à conjunção “e”, uma vez que esta tem função de unir orações e, nesse caso, a conjunção “e” dá início à leitura, não demonstrando sua função sintática. Para um leitor atento, essa conjunção pode não fazer diferença, mas reclama uma posição nessa oração. O “e” conjunção, poderia, sim, ser confundido pela conjugação do verbo ser na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que nos daria mais uma interpretação e, por consequência, mais um efeito de sentido para E1.

O efeito de sentido que podemos inferir é de que, a subtração da conjunção daria um sentido de certeza, de que a violência sexual cometida a mulheres seria a mesma cometida a homens. Essa possibilidade nos levaria a questões mais complexas, já no âmbito de leis civis, mas aqui nos remetemos aos conhecimentos ora expressos nas interpretações possíveis, o que nos permite diagnosticar a possibilidade de certeza. Porém, E1, ao se constituir através dessa materialidade, demonstra o sentido de soma, de adição, pois esta violência, ora cometida às mulheres e somada ao homem, mas não sentida em loco. Já em E2, com a supressão do vocábulo “mesma” percebe-se que o sentido se modifica, visto que a violência se volta ao corpo que é violado, mas por qualquer tipo de agressão à pessoa, seja ela

física ou não. O que se mantém é a igualdade entre a mulher e o homem, sem pensar no sexo masculino enquanto possuidor de maior força física.

E3 - ... porque estupro não é sobre sexo, é sobre poder, controle e violência.

E4 - ... mas estupro não é sobre sexo, é sobre poder, controle e violência.

Nesse momento, centraremos nossa análise no uso do “porque”, que aqui, no enunciado E3, remete uma explicação do motivo da violência, apresentada no início da materialidade linguística. Porém, ao utilizar-se do “porque”, o sujeito-autor retoma o tipo de violência. No dicionário já citado, o substantivo estupro tem os seguintes significados: “ato de forçar alguém a ter relações sexuais contra a sua vontade, por meio de violência ou ameaça; violação”. Notamos, novamente a ideia do abuso sofrido por alguém por violência. Também, ao dizer que “estupro não é sobre sexo”, percebemos um apagamento do sentido, tido como real, visto que não há como negar a questão sexual presente no ato de estuprar. No entanto, quando o sujeito-autor relata que “é sobre poder, controle e violência”, podemos sim verificar que há uma percepção de que existe algo mais do que o ato físico, pois quem pode deter o “poder e controle” é quem comete a violência, ou seja, é quem tem a força para intimidar e violar o outro.

Em E4, pela modificação do conectivo, substituído por “mas”, recai em outro sentido. Sentido esse que enfoca no “poder, controle e violência”, pois se o sujeito-autor optasse pelo “mas” poderíamos entender como ele trata o estupro, ou seja, não como uma violência física e, sim, como uma postura do sujeito. Esse ato, portanto, estaria atrelado à sua forma de identificação com a FD com predominância machista. Quando nos valem do significado de “poder”, vislumbramos a questão da força novamente mencionada com base nas definições: “faculdade de impor obediência; autoridade, mando; posse, jurisdição, domínio, atribuição; força ou influência; força física ou moral”. Também, o vocábulo “controle” faz referência à “fiscalização e domínio de alguém ou alguma coisa”, o que faz todo sentido no contexto em que está sendo produzido. Assim, concluímos que todo o ato de violência aqui proferido, traz uma noção da força utilizada, como também da forma de coação e intimidação utilizada para com a pessoa agredida/ violentada.

Assim, pôr em prática a percepção de sentido como analista de discurso é tentar demonstrar que, no excerto extraído do blog, as concepções das palavras sexo, poder, controle e violência vão além da literalidade, são opacas e não transparentes. Controlar forças que partem de um domínio não explorado é atribuímos sensações que emergem do contato de uma materialidade em prol de uma necessidade não aparente, mas latente, de sentidos que não estão vinculadas apenas a um dizer.

Não há como reproduzirmos fielmente o que motivou o relato do homem que trouxe à tona nossas questões, mas cabe importante observar, como exercício analítico, as sensações que tais materialidades proporcionam. Vamos, novamente, à citação veiculada no site UOL Notícias: “E a mesma violência que atinge as mulheres também tem homens como alvos, porque estupro não é sobre sexo, é sobre poder, controle e violência”.

Com essa retomada, temos a sensação de falta, pois ao pensarmos no ato do estupro, nos remetemos à mulher sendo violentada pelo homem. Essa violência, por sua vez, é cometida contra as mulheres, mas, num ato de solidariedade, os homens tentam se igualar também como vítimas desse ato. De que forma esse mesmo ato pode caracterizar homens como alvos e serem capazes de trazerem como argumentos contrários ao estupro as sentenças “não é sobre sexo”, “é sobre poder”, “é controle” e “é violência”, dito isso não em *loco*.

Nesse mesmo âmbito, os fragmentos aspados vão de encontro ou ao encontro da caminhada de homens de salto alto, isto é, a caminhada pode ser encarada como uma tentativa de igualdade entre os homens e as mulheres a partir do uso do sapato de salto alto, peça de vestuário preferencialmente feminino. A tentativa de igualdade deixa-nos a sensação de instauração de poderes, visto aqui, através de materialidades linguísticas e de uma caminhada de protesto potencialmente ressignificada, que parte o sentido de papéis que são diferentes socialmente e que, através do ato, tentam estabelecer igualdades.

Considerações finais

Os enunciados ora analisados à luz da AD de linha francesa não se fixam na transparência da linguagem, no sentido pronto, instituído pelo dicionário, mas queremos, com essa análise, elucidar que o espaço discursivo virtual é constituído pelos homens da caminhada, repercutindo no espaço social. Ao analisarmos a FD

com predominância machista, presente no discurso do site UOL Notícias, queríamos indagar acerca do caráter de convergência e divergência do que proferiu o sujeito-autor em seu relato.

Essa referida análise teve também, como motivadora, a grande repercussão da caminhada dos homens de salto alto que foi destaque em alguns países, diferentemente do que ocorreu no Brasil. A presença do texto imagético evidencia a postura dos homens, frente ao uso de salto alto e sua liberdade de expressão, visto que exploram uma conotação de gênero que vem ao encontro da caminhada e seus objetivos. A partir disso, partimos para os aspectos semânticos e lexicais apresentados pelo sujeito-autor na materialidade linguística analisada, que corroboram, para que esse sujeito, interpelado pela FD, adicione novos significados a seu dizer. Assim sendo, os enunciados, a partir da constatação da FD, permitem catalisar a apreensão de questões referentes às relações de força que se mostram presentes, devido à filiação do sujeito-autor na FD que o fundamenta.

A apresentação do porquê do uso salto alto para esse movimento se fez necessária para a compreensão do contexto em que o discurso foi produzido, atrelado a essa peça do vestuário. A presença de questões hierárquicas perante noções de gênero fica marcada pelo uso das palavras “poder, controle e violência”, quando o discurso produzido remete a um sentido que tenta igualar a dor da mulher a do homem quanto à violência sexual e, também, igualar o homem à mulher pelo uso do salto alto.

O funcionamento discursivo do enunciado analisado, por sua vez, aponta para as relações de força entre ditos e não-ditos dentro de limites tensos do social, o que nos remete a sentidos que vão além do que as palavras possam significar no dicionário, coerente com as ideias expostas por Pêcheux. E assim, reiteramos que as palavras podem produzir diferentes sentidos de acordo com o lugar sócio-ideológico daqueles que as empregam. E, dessa forma, a materialidade discursiva analisada permite-nos desvendar a filiação ideológica do sujeito-autor e também, as possibilidades de sentidos outros.

Desse modo, os enunciados produzidos criam diferentes efeitos de sentido, através das atitudes valorativas e ideológicas percebidas no discurso dos sujeitos envolvidos. Nesse contexto, a interpretação realizada é apenas uma das tantas possibilidades que o discurso pode propiciar ao sujeito leitor.

Referências

- COURTINE, J.-J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2009. 250 p.
- ESTUPRO. In: Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/estupro>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Tradução R. Ramalhete. 29. ed. Petrópolis: Editoras Vozes, 2004. 262 p.
- _____. **Arqueologia do Saber**. Tradução L. F. B. Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 236 p.
- MATTHEWS-GRIECO, S. F. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (org.). **História do corpo**. Tradução L. M. E. Orth. Vol. I. 4. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2010. p. 217-301.
- ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, v. 14, n. 61, p. 52-59, 1994.
- _____. Entremeio e discurso. In: _____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 23-35.
- _____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012a. 100 p.
- _____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012b. 218 p.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução E. P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009. 287 p.
- PELLEGRIN, N. Corpo do comum, usos comuns do corpo. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (org.). **História do corpo**. Tradução L. M. E. Orth. Vol. I. 4. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2010. p. 131-216.
- UOL NOTÍCIAS. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/10/10/homens-usam-sapatos-de-salto-alto-em-protesto-a-violencia-contra-a-mulher.htm>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- VIOLÊNCIA. In: Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/viol%C3%Aancia>. Acesso em: 10 mai. 2018.

Recebido em 01 de março de 2020
Aprovado em 30 de abril de 2020